

Museus: para quem são esses espaços “públicos”?

Museos: ¿para quién son estos espacios “públicos”?

LIMA, Paloma Oliveira de Jesus / Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP – palomalima22@yahoo.com.br

ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de / Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP – regina.araujo@ufop.edu.br

Eje: Construcción de conocimientos y saberes Tipo de trabajo: ponencia

^a *Palavras-chave: museus – espaços públicos – papel social – cultura – expansão de acesso.*

^a *Palabras claves: museos – espacios públicos – papel social – cultura – expansión de acceso.*

› Resumo

O objetivo deste trabalho é compreender como a ampliação do acesso aos museus é concebida na prática por essas instituições, buscando responder às seguintes questões: para quem os museus são públicos? Quem são os sujeitos que têm acesso a esses espaços? Os resultados apresentados fazem parte de uma pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida em conjunto com o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP. Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva, que utilizou o Estudo de Caso, pesquisa documental e bibliográfica, juntamente com a observação participante em um museu da cidade de Belo Horizonte/Minas Gerais. Vários grupos de visitantes foram acompanhados para captar a sua singularidade e outros aspectos para responder às questões levantadas. A análise dos dados mostrou que, além de compreender seu papel social, o museu pesquisado também investiu em formas de ampliar seu acesso ao público, por meio de propagandas, projetos e alianças com escolas e comunidade, para que seu espaço seja verdadeiramente público para todos os públicos.

› **Resumen**

El objetivo de este trabajo es comprender cómo la ampliación del acceso a los museos es concebida en la práctica por estas instituciones, buscando responder a las siguientes preguntas: ¿para quién son públicos los museos? ¿Quiénes son los sujetos que tienen acceso a estos espacios? Los resultados presentados forman parte de una investigación de maestría que está se desarrollando en conjunto con el Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Ouro Preto – UFOP. Se trata de una investigación cualitativa descriptiva, que utilizó el Estudio de Caso, la investigación documental e bibliográfica, en conjunto con la observación participante en un museo de la ciudad de Belo Horizonte / Minas Gerais. Varios grupos de visitantes fueron acompañados para capturar su singularidad y otros aspectos para responder a las preguntas planteadas. El análisis de los datos mostró que, además de comprender su papel social, el museo investigado también ha invertido en formas de ampliar su acceso al público, a través de publicidad, proyectos y alianzas con las escuelas y la comunidad, para que su espacio sea verdaderamente público para todos los públicos.

› **Introdução**

Uma das inclinações naturais do ser humano é a busca por conhecimento. Um dispositivo que vêm sendo experienciado de forma cada vez mais intensa, considerando que se trata de uma capacidade que coopera para que os sujeitos possam ter melhores condições de acesso e permanência nas instâncias sociais de natureza estrutural, institucional e cultural. O acesso à educação, por exemplo, é uma das formas que permite a esses sujeitos transpor barreiras, conquistar e ocupar espaços. No entanto, se sabe que a desigualdade do conhecimento é um dos grandes fatores dificultadores para que as diferenças sociais sejam superadas, principalmente sendo a escola um mecanismo legítimo de reprodução dessas desigualdades. Porém, há que se levar em conta que existe uma série de outros fatores dificultadores além do acesso à educação (podemos citar, por exemplo, questões de raça, gênero, localização geográfica, moradia, alimentação, ocupação profissional, dentre outros), que são vivenciados de diferentes formas pelos sujeitos, a partir do seu núcleo familiar. Vale reforçar que políticas públicas são essenciais para a promoção e manutenção desses acessos, conforme consta na Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988.

Bourdieu (2008) discorre acerca de como o *Efeito Território* impacta no acesso intelectual, profissional e social, uma vez que estão propriamente ligados à herança cultural dos sujeitos. Segundo Lareau (2007), a classe social em que cada família se constitui, influi diretamente nos mecanismos utilizados na criação dos filhos para a transmissão de ‘vantagens’.

Esses mecanismos estão ligados ao modo em que o uso do tempo, da linguagem e criação de laços familiares será instrumentalizado por cada uma delas. Ou seja: acessos e conhecimentos melhores desenvolvidos são privilégios das classes que possuem capital econômico e cultural mais elevado. A esse respeito, Santos (2013) alerta que o problema das classes somente será superado quando deixar de ser estudado à parte, e a sociedade deixar de ser analisada como se não fosse composta por elas.

Esses acessos / privilégios são nomeados por Vaz (2020) como *background* familiar. A autora salienta como esse *background* influencia na mobilidade geracional dos sujeitos, a partir de um processo que está dividido em três dimensões: capital econômico, capital cultural e capital social. Segundo Vaz (2020), “na literatura nacional, há ampla evidência empírica dos efeitos dos recursos familiares, nas suas diversas dimensões” (VAZ, 2020, p. 1).

Considerando que o acesso a direitos básicos como saúde, educação, moradia, dentre outros, não são vivenciados da mesma forma, imaginemos então essa transposição para o campo cultural. De acordo com Bourdieu e Darbel (2003), o amor pela arte não é uma fruição natural, e sim um ato de conhecimento adquirido desde a primeira infância no ambiente familiar, tendo continuidade no ambiente escolar. A cultura erudita então, se legitimou nas relações das forças simbólicas¹, valendo-se de instituições como, por exemplo, os museus (espaço de interesse desta pesquisa). De acordo com Freire (1997), os museus convocam o visitante a “[...] imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar na busca [...] do objeto ou do achado de sua razão de ser” (Freire, 1997, p. 88). Mas como oferecer essa experiência aos mais diversos públicos, se nem todos conseguem ter acesso a esses espaços, considerando vários atenuantes como renda, locomoção, representatividade, e tantos outros?

Apesar de terem sofrido uma série de mudanças no que diz respeito à sua finalidade (considerando variáveis sociais, políticas e econômicas, e principalmente quanto à sua função social), os museus ainda hoje são espaços muito distantes para a maioria da população, que não se sente no direito de frequentá-los: carregam consigo uma herança cultural forte, de que se trata de um espaço voltado para a erudição. Um tipo de cultura pertencente às classes

¹ Por forças simbólicas compreende-se um meio de poder oculto para a reprodução de relações dominantes.

sociais elevadas, e não à classe trabalhadora. Outro aspecto inibidor são os prédios que abrigam esses museus: normalmente conjuntos arquitetônicos suntuosos que por si já afastam grande parte dos sujeitos. Espaços teoricamente “públicos”, que na prática estão voltados para um público específico, dotado de mecanismos que permitem seu livre acesso nas variadas instâncias sociais.

[...] uma barreira invisível e intransponível, estabelece a separação [...] já que a entrada franca é também entrada facultativa, reservada àqueles que, dotados da faculdade de se apropriarem das obras, têm o privilégio de usar dessa liberdade e que, por conseguinte, se encontram legitimados em seu privilégio, ou seja, na propriedade dos meios de se apropriarem dos bens culturais (Bourdieu; Darbel, 2003, p. 168-169).

O objetivo geral deste trabalho é compreender como a ampliação do acesso é concebida na prática por essas instituições, apresentando parte dos resultados obtidos em uma pesquisa de Mestrado que está sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto. O *locus* da pesquisa é um museu localizado na região central da cidade de Belo Horizonte / Minas Gerais: o Museu de Artes e Ofícios (MAO).

Este trabalho foi norteado pelas seguintes questões investigativas: para quem de fato os museus são públicos? Quem são os sujeitos que tem acesso a esses espaços? Acredita-se que a busca por respostas a esses questionamentos, colabora para um melhor entendimento sobre como os museus percebem sua função social a partir da perspectiva do acesso.

A relevância desta pesquisa se dá pela necessidade de que a função social desempenhada pelos museus por meio de ações educativas e formativas possa ser cumprida. Dentre essas funções destacamos os modos de fomentar o acesso a esses espaços, que são gratuitos e públicos. Percebeu-se ainda a demanda por ampliar as pesquisas acerca da temática, considerando a escassez de resultados durante a realização do Estado do Conhecimento². Trata-se de um tema que carece de maior exploração e problematização.

› ***Um breve histórico sobre os museus***

Por volta do século III a.C. a palavra *museu* era utilizada para se referir ao *Templo das Musas*. Espaços de erudição reservados ao estudo das artes e das ciências, que quase foram extintos

² O Estado do Conhecimento é uma metodologia utilizada para a realização do levantamento de informações sistematizadas de determinada área de conhecimento e/ou temática, que contribui para uma melhor compreensão do pesquisador com relação ao seu campo de investigação.

durante a Idade Média – o que só não aconteceu porque o hábito do colecionismo se manteve vivo. Por volta do século XVII, os museus – que eram conhecidos como Gabinetes de Curiosidades³ – abrigavam coleções e objetos de nobres colecionadores, que só poderiam ser visitados por amigos, cientistas e pesquisadores.

Foi somente no século XVIII que os museus assumiram a identidade de “espaços públicos”, a partir da criação do *Ashmolean Museum*⁴ em Oxford, no Reino Unido – vale ressaltar seu forte vínculo com a Universidade de Oxford, que abriga o museu até hoje. Porém, a publicização aconteceu até certo ponto, uma vez que o acervo era voltado para o desenvolvimento de pesquisas, ou seja, o público visitante era integrado por membros da Universidade de Oxford.

É notório que a finalidade e identidade dos museus foram (e estão sendo) refinadas ao longo das últimas décadas, compreendendo que se trata de espaços que promovem não apenas o transitar em seu interior, mas o desenvolvimento de pesquisas, processos de comunicação, promoção do conhecimento, reflexão e diálogo. Mudanças que se refletem, por exemplo, na construção da nova definição para museus, que foi aprovada em 24 de agosto de 2022 durante a 26ª Conferência Geral do *International Council of Museums (ICOM)*, em Praga, na República Checa.

A nova definição é resultado de um processo participativo que teve duração de 18 meses, e reuniu representantes do mundo inteiro. De acordo com informações disponibilizadas no site do ICOM, só no Brasil foram mais de 1000 profissionais envolvidos nesse processo. A antiga definição de museus, vigente desde o ano de 2007, compreendia que:

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite (ICOM, 2007, s/p).

A nova definição aprovada pelo ICOM em agosto de 2022 com 487 votos favoráveis, 23 votos não favoráveis e 17 abstenções, compreende que:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade

³ A origem do nome *Gabinetes de Curiosidades* se deve ao fato de que esses espaços abrigavam objetos e coleções raros ou de natureza curiosa.

⁴ O acervo do *Ashmolean Museum* (inaugurado em 24 de maio de 1683) foi doado por Elias Ashmole à Universidade de Oxford, e era composto por manuscritos e curiosidades.

que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento (ICOM, 2022, s/p).

A definição recém-aprovada identifica os museus enquanto espaços à serviço da sociedade, abertos ao público, englobando ainda novos qualificadores tais como acessibilidade, inclusão, diversidade, sustentabilidade e ética. Um ponto que merece destaque é o reconhecimento da necessidade de participação das comunidades no que se refere à sua funcionalidade.

A partir dessa aprovação é importante que os comitês nacionais se comprometam com a nova definição, no intuito de que os museus cumpram verdadeiramente sua função social junto aos mais diversos públicos, deixando de se apoiar no discurso elitista tão presente nesses espaços, a fim de que todos os elementos que compõem sua nova definição, sejam implementados e cumpridos. Os museus entram agora em um novo processo de mudanças, revisão e aprimoramento da sua finalidade.

O Museu de Artes e Ofícios

De modo a situar o leitor sobre o museu que gentilmente abriu suas portas para a realização desta pesquisa, foi elaborado um breve histórico sobre o mesmo. O Museu de Artes e Ofícios, também conhecido como MAO, está localizado na região central de Belo Horizonte, em uma das suas principais praças: a Praça Rui Barbosa. Local que acolhe o fluxo diário de milhares de pessoas dentre profissionais, usuários de metrô, turistas, pessoas em situação de rua, e tantos outros.

Seu acervo com cerca de 2.500 peças estrategicamente distribuídas ao longo dos seus mais de nove mil metros quadrados, conta a história do trabalho no Brasil a partir das artes e dos ofícios que originaram profissões importantes para a construção histórica do país. O conjunto arquitetônico que abriga o MAO, inicialmente foi a Estação Ferroviária Central de Belo Horizonte: porta de entrada de profissionais, materiais e maquinários que chegavam para a construção da nova capital do Estado de Minas Gerais.

Conforme Jayme e Trevisan (2012), a implementação dos intensos processos de urbanização no Pós-Guerra, refletiu no uso e funcionalidade de vários espaços físicos de Belo Horizonte, assim como processos de abandono. Os prédios da Estação Ferroviária passaram longos anos

em desuso e decadência, correndo o risco de serem demolidos.

Felizmente o conjunto foi preservado, graças à iniciativa da empresária Ângela Gutierrez⁵ em parceria com o Instituto Cultural Flávio Gutierrez⁶ (ICFG). Por volta dos anos 2000, quando Belo Horizonte vivenciou a crescente valorização das atividades turísticas, Ângela conseguiu a cessão dos prédios pela Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), assumindo o desafio de restaurá-lo e transformá-lo no espaço que hoje abriga o MAO.

Segundo Gutierrez (2004), a intenção de conceber o MAO em Belo Horizonte sempre esteve presente em sua trajetória profissional, assim como o desejo de ter um espaço aberto ao público, em especial aqueles de camadas mais populares, operários e trabalhadores em geral: “[...] eu sentia que essa coleção estava destinada a ficar junto do povo. Bem próxima daqueles que poderiam entendê-la melhor [...]” (Gutierrez, 2004, p. 36).

Inaugurado em 14 de dezembro de 2005, o MAO que é considerado um dos mais importantes museus de Belo Horizonte, conseguiu além de preservar o conjunto arquitetônico que o abriga, ressignificar seu uso e espaço. Um museu que se integra harmonicamente com os seus arredores: a Praça Rui Barbosa, a Estação de Metrô Central e suas plataformas.

› **Metodologia**

Este trabalho de abordagem qualitativa descritiva foi apoiado nos estudos de Bogdan e Biklen (1994). O estudo de caso selecionado enquanto método de investigação foi norteado pelas contribuições de Goode e Hatt (1975) e André (2019). Os autores destacam a viabilidade do estudo de caso, como forma de direcionar o foco do pesquisador para um fenômeno específico, e desta forma favorecer sua análise a partir de um aprofundamento mais intenso.

A metodologia ainda fez uso da pesquisa bibliográfica e análise documental de produções do próprio MAO, em conjunto com leituras de documentos oficiais e autores que discutem sobre a função social dos museus e a acessibilidade a esses espaços. As observações participantes encontram-se em andamento, considerando que a pesquisa que teve início em maio de 2022, será encerrada em outubro de 2022. Serão realizadas ainda, duas entrevistas semiestruturadas acompanhadas de roteiro, junto aos responsáveis pelo setor educativo do MAO, para desta

⁵ Natural de Belo Horizonte, a empresária e colecionadora de arte Ângela Gutierrez foi Secretária de Estado de Cultura de Minas Gerais, e atualmente é membro de órgãos nacionais e internacionais como o IPHAN e IBRAM, responsáveis por elaborar políticas para instituições museais.

⁶ O ICFG, fundado em 1998, carrega o nome do pai de Ângela Gutierrez e deu origem a três espaços museográficos: o Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte/MG, o Museu do Oratório em Ouro Preto/MG, e o Museu de Sant’Ana em Tiradentes/MG. Para saber mais, acesse o site do ICFG: < <https://icfg.org.br/> >.

forma, alcançar uma compreensão mais ampla quanto ao seu funcionamento.

Até o momento, singularidades que foram produzidas e captadas a partir de interações com a equipe multidisciplinar que integra o MAO, em conjunto com observação participante registrada em diário de campo, respaldaram os aspectos e considerações tecidas neste trabalho, no que diz respeito ao papel social deste museu na promoção do acesso aos mais diversos públicos. A análise desses dados foi constituída a partir da proposta de Bardin (2011).

› **Discussões e resultados**

Os resultados aqui apresentados são fruto das observações realizadas até o momento, com cerca de 20 grupos (constituídos por estudantes de diferentes faixas etárias e classes sociais, de escolas públicas, privadas, universidades, cursos técnicos, projetos sociais, EJA, igreja, dentre outros) que foram acompanhados durante a realização de visitas mediadas. Além desses grupos, o público esporádico (composto por sujeitos que visitam o MAO sozinhos e/ou acompanhados, famílias, jovens, idosos, pessoas com mobilidade reduzida, dentre outros).

A partir dessas observações e das interações junto à equipe do museu, foi possível constatar que o MAO compreende seu papel social e cultural em prol da formação sócio-político-cultural do seu público, bem como o desafio diário de desenvolver e implementar projetos que contemplem a diversidade. Essa constatação parte do propósito de sua idealizadora (Ângela Gutierrez), ao ter o público popular como foco, assim como a escolha de suas instalações na região central de Belo Horizonte, mesmo se tratando de um prédio com arquitetura imponente. O MAO é um instrumento vivo que se entrelaça com os corpos que o circunda. Sua atuação tem se voltado para reduzir esse distanciamento, através de atividades diversificadas.

Essa postura pode ser percebida através da forma com que as visitas mediadas são conduzidas, também pela atuação da equipe, que faz uso de suas subjetividades para significar ainda mais a experiência do visitante. Outro fator relevante foi a criação de trilhas específicas, sendo elas: História do Trabalho, Trilha das Energias, Pequenos Caminhos, Mulheres e Ofícios, Afro-brasileira e Indústria. A criação dessas trilhas foi uma resposta às demandas trazidas pelo público frequentador do MAO – principalmente do público escolar – para que alguns períodos históricos e determinadas temáticas pudessem ser abordadas com maior profundidade.

Outros projetos como oficinas, feiras colaborativas e eventos como o Trem de Férias e Aula de Museu, são desenvolvidos para a diversificação, efetivação e ampliação desse acesso. Em uma das interações realizadas durante o mês de junho de 2022, um dos membros da equipe do MAO destacou a presença de algumas pessoas que vivem em situação de rua⁷ visitando o museu. A equipe se mostrou feliz e animada ao receber a dupla, que foi contemplada com uma visita mediada junto ao acervo, apesar de não ser uma prática comum, considerando que a mediação só acontece com grupos formados por mais de 20 pessoas.

A partir das vivências junto ao MAO, este trabalho alcançou respostas às questões investigativas aqui propostas. O MAO é público para quem quiser adentrar seu espaço. Talvez essa abertura exista, devido ao fato de sua idealizadora – Ângela Gutierrez – sempre ter tido como foco as classes populares. Infelizmente não é o que acontece em outros museus da cidade (e muito provavelmente do mundo), uma vez que esses, em sua grande maioria, estão localizados em bairros nobres, habitados e frequentados por sujeitos de classes sociais mais elevadas.

A respeito de quem são os sujeitos que tem acesso a esse espaço (ao MAO), os resultados demonstram que se trata de um público variado, em sua grande maioria composto pelo público escolar. Mas também por profissionais de diversas áreas, jovens, pessoas idosas, membros de entidades, membros da comunidade surdo-muda, de vilas e favelas de Belo Horizonte, professores, pesquisadores, dentre outros.

Apesar desse acesso estar em pleno processo de expansão pelo MAO, trata-se de uma ampliação que demanda reestruturações complexas baseadas em diálogo, políticas públicas, mudanças de comportamento e outros fatores que se efetivem na aproximação de diversos públicos a esses espaços. É preciso despertar o sentimento de pertencimento e possibilitar que a diversidade ocupe esses espaços. Reflexões que nos levam a pensar em outros aspectos como qual tipo de arte e artistas tem ocupado esse espaço, quais tipos de história e memória têm sido contadas e preservadas.

Este trabalho buscou contribuir para a ampliação de discussões e novos questionamentos acerca da necessidade de tornar os museus públicos de fato a partir do acesso a esses espaços, para que a diversidade seja acolhida e vivida em sua totalidade.

⁷ O Museu de Artes e Ofícios está localizado em uma região de Belo Horizonte que concentra um número expressivo de pessoas que vivem em situação de rua.

Bibliografia

- André, M. (2019). O que é um estudo de caso qualitativo em educação? *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, 22(40), 95-103.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> (Consulta: 14-08-2022).
- Bogdan, R. C.; Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bourdieu, P.; Darbel, A. (2003). *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. Porto Alegre: Zouk.
- Bourdieu, P. et al. (2008). *A miséria do mundo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.
- Goode, W. J.; Hatt, P. K. (1975). *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Nacional.
- Gutierrez, A. (2004). Abertura. Instituto Cultural Flávio Gutierrez. *Anais do seminário de capacitação museológica*. Belo Horizonte: ICFG.
- ICOM, International Council of Museums Brasil. (2021). *Documentos*. <http://www.icom.org.br/?page_id=720> (Consulta: 16-08-2022).
- ICOM, International Council of Museums. (2022). “*ICOM approves a new museum definition*”. <<https://icom.museum/en/news/icom-approves-a-new-museum-definition/>> (Consulta: 24-08-2022).
- Jaime, J.; Trevisan, E. (2012). *Intervenções urbanas, usos e ocupações de espaços na região central de Belo Horizonte*. Porto Alegre: Civitas.
- Lareau, A. (2007). A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. *Educação em Revista*, 46, 13-82.
- Santos, M. (2013). *Pobreza urbana*. São Paulo: Edusp.
- SESI. *SESI Museu de Artes e Ofícios*. (2022). <<https://www7.fiemg.com.br/sesi/sesi-cultura-mg/>> (Consulta: 19-08-2022).
- Vaz, D. V. (2020). *Background familiar, retornos da educação e desigualdade racial no Brasil*. < <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/6700>> (Consulta: 14-08-2022).